PAULA SCHMITT

CONSENSO INC.

O MONOPÓLIO DA VERDADE E A INDÚSTRIA DA OBEDIÊNCIA

PAULA SCHMITT

CONSENSO INC.

O MONOPÓLIO DA VERDADE E A INDÚSTRIA DA OBEDIÊNCIA

PREFÁCIO

VERDADE É LIBERDADE

Faço parte de uma pequena fração de uma geração de brasileiros que, na juventude, cresceu cultivando um sonho de liberdade. Quixotescos, pensando-se heroicos, alguns punhados de nós, nas universidades e alguns outros espaços, aprendemos a amar a liberdade, pela sua escassez. O clique estranho na ligação telefônica sugeria um grampo. O "ponto" marcado na rua era "coberto" de soslaio, tentando identificar algum meganha a registrar o que poderia resultar em repressão, prisão, tortura. Aquela Veraneio azul parada a cinquenta metros podia trazer nossos algozes. O medo andava ao lado da convicção de que tínhamos "a certeza na frente, a história na mão", como no hino do Vandré. Mesmo nos momentos mais sombrios, porém, jamais tive dúvidas sobre um sol lá na frente. Liberdade e verdade pareciam inevitáveis e nosso destino natural.

Os artigos a seguir, da Paula Schmitt, são fruto de uma admirável coragem. Coragem em defender verdade e liberdade. Em tempos de pusilanimidade premiada, são ainda mais admiráveis. São, também, expressão de um rigor jornalístico invejável. Cada afirmativa, por mais escabrosa, não deixa de ganhar a referência aos fatos que expressa. Cada frase, cada parágrafo, tem a construção precisa, gostosa de ler. Tem a aspereza dos tempos correntes, quando vendilhões posam elegantes nas telas. Mas tem bom humor, um atributo da inteligência elevada da autora. E tem a busca honesta por uma verdade menos subjetiva.

Deveria integrar os manuais de redação e os currículos das escolas de comunicação, mas alguém acredita que isso venha a acontecer? E o jabá?

Paula não hesita em escancarar as sórdidas ligações entre gente que até pouco achávamos ser "de bem", inclusive inocentes pilotos da comunidade acadêmica e respeitáveis jornalistas. É um alento ler seus artigos e dá um certo desespero. Como dissecadora das tramoias para forjar verdades convenientes, ela me faz ter uma saudade imensa do tempo em que temíamos o grampo no telefone, a Veraneio azul e os informantes infiltrados. Os meios de inventar e impor a "verdade", de aniquilar opiniões dissonantes, de perseguir opositores eram coisa de criança perto de hoje. A capacidade de violentar a liberdade sob aplausos de quem teve a

sua liberdade cerceada no passado é, talvez, a mais devastadora condição da imensa coligação de podres poderes. “Quem teima em ter um fio de esperança sabe que não é a primeira vez que o futuro – e o presente – parece tão sombrio. Mas, afinal, ainda estamos aqui - e é melhor saber o que nos espera do que ser pego de surpresa.”

Márcio da Costa – Doutor em Sociologia – ex-Prof da UFRJ

INTRODUÇÃO

A ERA DA MANIPULAÇÃO E OS ATAQUES DE FALSA BANDEIRA

Poucas pessoas sabem, mas dois anos antes dos ataques de 11 de setembro em Nova York, a Rússia sofreu uma série de atentados que iriam mudar o seu destino – e firmar Vladimir Putin no poder. Os ataques começaram em 4 de setembro de 1999 com a explosão do primeiro entre quatro prédios residenciais. Ao todo, morreram trezentas pessoas. Até que, no dia 22 de setembro, algo estranho aconteceu. Moradores de um prédio na cidade de Ryazan notaram pessoas estranhas no subsolo do edifício, retirando sacos pesados de dentro de um carro. Ao perceberem que foram vistos, os suspeitos fugiram, deixando para trás explosivos e detonadores.

Fazia pouco mais de um mês que Vladimir Putin ocupava o cargo de primeiro-ministro. Veterano dos serviços de inteligência, Putin recentemente deixara a chefia do FSB, o serviço secreto russo que substituiu a KGB. No dia seguinte ao ataque malsucedido em Ryazan, ele anunciou que os culpados pelos atentados eram chechenos e ordenou o bombardeio de Grozny, capital da Chechênia. Foi assim que o regime de Putin conseguiu seu Inimigo Número Um – a Chechênia –, e com ele abocanhou poderes incalculáveis, exatamente como aconteceu com o governo dos Estados Unidos depois dos ataques às Torres Gêmeas.

Mas os policiais que investigavam o ocorrido em Ryazan não tinham a mesma convicção, e continuaram seus trabalhos. Até que, por meio de uma interceptação telefônica, os policiais descobriram que agentes do próprio FSB estavam envolvidos no ataque interrompido. A surpresa maior, contudo, ainda estava por vir: assim que os policiais revelaram o envolvimento do FSB, o governo de Putin mudou sua história e anunciou que o ataque, interrompido antes de acontecer, tinha sido uma simulação para testar os serviços de emergência.

Eu resolvi falar desse assunto porque a notícia de que Eduardo Fauzi Richard Cerquise escapou para a Rússia[1] parece ter deixado muito analista com nó nos miolos.

---

1 https://www.poder360.com.br/brasil/suspeito-de-atacar-sede-do-porta-dos-fundos-esta-na-russia-diz-tv/

Fauzi é, supostamente, autor confesso do ataque à produtora do Porta dos Fundos. Com vídeo de assinatura e tudo, o atentado fez renascer a ameaça de zumbis integralistas, gente de extrema direita que até há pouco nem se sabia estar viva, mas que serviu muito bem para aumentar o medo que se teve do governo de Jair Bolsonaro. Logo se descobriu que Fauzi, quem diria, foi amigo da Sininho, aquela que organizou os protestos dos *black blocks*, defensora dos pobres que, segundo Reinaldo Azevedo,[2] morava em Porto Alegre enquanto mantinha dois endereços no Rio de Janeiro.

Fauzi também teria foto feita com o cientista político expansionista russo Aleksander Dugin,[3] que defende o eurasianismo – uma teoria que, para resumir bastante, coloca a Rússia no centro de controle do mundo.

Ataques de falsa bandeira são comuns no mundo da espionagem e da política subterrânea e são usados há milênios. Um conhecido ataque de falsa bandeira foi a explosão do Hotel King David, em Jerusalém, em 1946, que matou 91 pessoas. Executado por ativistas da organização sionista de direita Irgun, o atentado tinha o objetivo de assustar funcionários do Mandato Britânico na Palestina e fazer com que eles deixassem o país (o hotel era usado como escritório pela administração britânica). Para isso, agentes do Irgun instalaram explosivos no hotel, matando 91 pessoas, mas fizeram tudo disfarçados de árabes, porque assim a culpa recairia sobre os palestinos – daí o caráter de falsa bandeira.

O histórico da Rússia no uso desse tipo de estratagema é antigo. Foi com um ataque de falsa bandeira que os russos conseguiram, por exemplo, justificar sua invasão à Finlândia. Isso aconteceu quando a União Soviética simulou um ataque a um de seus postos de guarda na cidade de Mainila, em 26 de novembro de 1939, matando quatro de seus próprios soldados. Com a culpa devidamente colocada na Finlândia, a União Soviética passou a ter a justificativa moral e o apoio popular, ambos necessários para a invasão do país vizinho.

A grande dúvida de quem tenta entender o refúgio de Fauzi é: como pode ele participar de um grupo de extrema direta e pedir asilo na Rússia? Mas talvez

---

2 https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/a-fadinha-dos-black-blocs-8211-sininho-28-nao-trabalha-tem-dois-enderecos-no-rio-um-em-copacabana-dois-rgs-ja-chamou-policial-de-macaco-e-foi-presa-duas-vezes-acusada-de-formacao-de-quadrilha

3 https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/suspeito-de-ataque-ao-porta-dos-fundos-e-expulso-do-psl.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha

a pergunta que deveria ser feita fosse: como pode alguém achar que a Rússia representa e defende a esquerda no mundo, ou os seus valores?

Esta introdução, em grande parte, está reservada para a tradução de um artigo em primeira pessoa sobre minha experiência de trabalho na agência de notícias da TV russa, RT, com escritórios em Berlim. A intenção aqui não é esclarecer nada – é apenas sugerir novas perguntas e estimular o pensamento lateral. No Brasil, todo mundo parece saber que Steve Bannon está envolvido com a Cambridge Analytica, a disseminadora de *fake news* que está por trás da eleição de Trump e que possivelmente ajudou a eleição de Bolsonaro. Mas mal se ouve falar de outro disseminador de *fake news*, o governo russo, que tem uma verdadeira fábrica de notícias falsas, descrita de forma assustadora numa matéria do *New York Times*.[4]

Eu, pessoalmente, tenho toda a razão para acreditar na veracidade da matéria porque sei, por experiência própria, que a Rússia dissemina *fake news* até a partir de agências de notícias fundadas para produzir material supostamente genuíno. Traduzo aqui alguns trechos do meu livro sobre espionagem em que cito a reportagem de Adrian Chen para o *New York Times*:

> Uma história reveladora escrita por Adrian Chen para *The New York Times Magazine* expôs no alfabeto latino o que muitas pessoas já conheciam em cirílico – que a Rússia fabrica desastres, cria caos e manipula a opinião pública de forma sistemática por meio de uma indústria de mentiras e falsas tendências. A Agência de Pesquisa da Internet, como conta Chen, é uma usina de *trolls* onde centenas de funcionários que trabalham em turnos de 12 horas recebem aproximadamente o mesmo que professores universitários para criar perfis falsos em redes sociais e alimentar as páginas de outras pessoas com opiniões falsas, ajudando a fazer esses perfis parecerem populares e legítimos. Alguns desses perfis são usados para melhorar a imagem de Putin e destruir a de seus inimigos. Mas essa agência tem um outro propósito ainda mais obscuro.
>
> Chen iniciou sua pesquisa investigando um incêndio de fábricas de produtos químicos em Louisiana, nos Estados Unidos, e o pânico que dali se alastrou. Mas o incêndio, na realidade, nunca aconteceu. O pânico foi inicialmente orquestrado, mas ele se espalhou de tal maneira pelas redes sociais que acabou assustando genuinamente

4 https://www.nytimes.com/2015/06/07/magazine/the-agency.html

> os moradores, e tomando o tempo e atenção dos serviços nacionais de emergência. A farsa foi perturbadoramente bem executada.
>
> Ela apresentou não apenas tweets e postagens do Facebook com a hashtag #ColumbianChemicals, mas incluiu relatos de testemunhas oculares e até vídeos do incêndio inexistente. A fábrica de *trolls* russa também criou pânico sobre um surto falso de ebola nos EUA com um requinte de detalhes impressionante, incluindo um vídeo que mostrava "funcionários médicos devidamente vestidos com uniforme protetor transportando uma vítima do aeroporto". Nesse vídeo, uma música contemporânea de Beyoncé podia ser ouvida ao fundo, sutilmente dando às imagens uma corroboração temporal que soava genuína e fazia o vídeo parecer legítimo.
>
> A Agência de Pesquisa da Internet, de propriedade de um aliado do presidente Vladimir Putin, também foi pega criando falsos movimentos sociais negros na América, espalhando notícias fabricadas sobre o assassinato de uma mulher negra desarmada por um policial em Atlanta, e organizando aulas de defesa pessoal para afro-americanos por meio de um grupo falso chamado Black Fist (Punho Negro). O propósito completo da agência russa não é conhecido, mas seus empregados se passam por ativistas de esquerda e de direita, antagonizando pessoas reais de ambos os lados e criando dissensões. Menos de dois anos depois da publicação dessa história, a Rússia foi suspeita de ter influenciado as eleições dos EUA de maneira inédita, acusada de ter pagado anúncios para a eleição de Donald Trump e de ter hackeado o Congresso Nacional Democrata.

Não estou sugerindo que Sininho – ou Fauzi, ou Sara Winter (que era a representante no Brasil do grupo ultrafeminista Femen e depois se tornou bolsonarista contra o aborto e a favor do sexo depois do casamento) – sejam agentes provocadores, da Rússia ou de qual país for, mas acho importante que conheçamos um pouco das manobras que acontecem nas sombras para que saibamos evitar a manipulação de nossos sentimentos, algo do qual ninguém está imune, na esquerda ou na direita.

Abaixo eu traduzo meu artigo sobre minha experiência com a Ruptly, agência de notícias da Russia Today (hoje conhecida apenas como RT). Eu tinha um NDA (*non-disclosure agreement*, um acordo em que eu prometia não revelar o que vivenciei na Ruptly), mas consultei advogados no Brasil e na Alemanha, e resolvi romper esse compromisso.

Meus editores na revista israelense *972mag* – a única que teve a coragem de publicar minha história – passaram mais de uma semana verificando cada coisa que eu falei em entrevistas anônimas com outros cinco jornalistas da agência, inclusive um ex-*Reuters* e outro que trabalhou na AFP. Os editores Noam Sheizaf e Michael Omer-Man foram categóricos em dizer que não só eu não tinha inventado nada e tudo que eu disse foi confirmado, mas que havia ainda outros detalhes mais repelentes.

Uma coisa que esqueci de colocar no original, e sobre a qual tenho testemunhas e corroboração, foi um detalhe que só me pareceu significante muito tempo depois, quando voltei ao Brasil e fiquei sabendo do fenômeno dos *black blocks*.

Um dia, durante o treinamento, tivemos todos que participar de uma palestra em que seríamos informados de como participar de manifestações públicas e protestos. Ninguém entendeu muito bem por que precisaríamos aprender aquilo, e não sei o nome da mulher, mas lembro claramente de que a palestrante era uma das organizadoras de um dos movimentos que mais admirei, e do qual fiz questão de participar: Occupy Wall Street. Há alguns anos, entrei em contato com uma ex-colega da Ruptly, e ela se lembra claramente disso, mas também não sabe o nome da mulher. Se um dia eu for pressionada a descobrir, não deverá ser difícil.

Por que eu deixei a Russia Today e por que a considero ainda assim necessária[5]

A primeira coisa que eu falei para o meu pai quando aceitei a oferta de emprego da Russia Today foi que, pelo menos nesse caso, eu saberia quem estava financiando os meus patrões. Eu já não tinha ilusão nenhuma sobre a mídia – quase todos os veículos têm senhores, e só conseguimos identificar alguns deles. No caso da RT, eu sabia quem era o maestro, e eu queria tocar a música. Eu estava prontinha para descobrir os segredos sórdidos dos Estados Unidos. Eu estava disposta a desmascarar o Ocidente, aquela província imaginária, embelezada por agências de notícias treinadas para cantar em uníssono a desgraça que é o Outro e o quão perfeitamente verde é a nossa grama.

5 https://www.972mag.com/why-i-quit-russia-today-and-why-its-necessary/

Mas como costuma acontecer com leis e linguiças, eu não consegui engolir a maneira como as notícias da RT eram feitas.

Quando fui contratada, contei para apenas poucas pessoas que iria trabalhar para a RT. Não atualizei meu LinkedIn nem adicionei RT à minha biografia no Twitter. Fiquei cautelosa e um pouco envergonhada. Mas eu acreditava que poderia fazer algo de bom por lá, talvez mais do que se estivesse na CNN ou na BBC. Sempre fui fã da RT. Eu pensei, e ainda penso, que ela é inovadora, informativa e até crucial. Pessoas como Abby Martin, Tom Hartman e Max Keiser estão ajudando a mudar o mundo para melhor – estou convencida disso.

A RT também ajuda o público a ter acesso a especialistas que nunca são consultados pela grande mídia tradicional, pessoas às vezes mais qualificadas para falar sobre questões específicas que são completamente ignoradas e eliminadas do debate, porque se recusam a cantarolar a melodia determinada pelos *think-tanks* e lobistas ocidentais. Eu sabia que a RT tinha uma agenda política, mas contava com a sorte de cobrir assuntos em que o meu viés estivesse inclinado na mesma direção que a Rússia. Eu tinha visto excelentes documentários feitos pela RT sobre assuntos então quase invisíveis na mídia corporativa, desde a fome e o analfabetismo nos EUA até o poder de Wall Street corrompendo as áreas mais recônditas do capitalismo norte-americano. Na prática, a Rússia e eu estávamos na mesma página a maior parte do tempo. Eu só esperava, claro, que eles não me pedissem para cobrir o governo de Putin. Sim, foi bem isso o que pensei ou queria pensar – que a Rússia e eu só discordávamos em uma coisa: a política na própria Rússia.

A verdade, no entanto, é que, assim como os EUA, a Rússia tem interesses ou uma posição política em praticamente todos os países do mundo.

Antes de a RT me mandar a passagem para ir de Nova York a Berlim, eu ouvi elogios efusivos de jornalistas norte-americanos bem-intencionados me parabenizando pelo novo emprego, cansados da putrescência que é a sua mídia corporativa tradicional, um programa de luta livre em que inimigos de mentirinha fingem que estão em lados opostos quando, na verdade, estão ombro a ombro onde realmente importa: guerra, corporatocracia, concentração de riqueza. Mas então eu percebi, pela efusividade dos elogios, que esses jornalistas também eram vítimas dessa velha falsa dicotomia, engolindo sem mastigar a ideia de que os EUA e a Rússia têm ideologias opostas quando ambos, de fato, se curvam para o mesmo deus.

A Ruptly, a agência de notícias em vídeo do grupo RT, contratou dezenas de jornalistas (inclusive eu) alguns meses antes do lançamento, agendado para março de 2013. Apesar de fazer parte da RT, a Ruptly alegava ser diferente por ter uma natureza dupla: por um lado, ela era propriedade do governo russo e promovia sua política; por outro, ela tinha que vender os vídeos produzidos para obter lucro. Como eu logo viria a aprender, a Ruptly conseguiu embrulhar em um único pacote o pior do estatismo e o capitalismo: vídeos viralizantes transmitindo propaganda do governo. Meu cérebro, sempre em busca de uma justificativa, veio correndo me socorrer, imaginando clipes inofensivos de um gatinho miando a palavra *Puuuutin*.

A realidade, contudo, se revelou bem menos fofa.

A redação da Ruptly era composta por pessoas de todo o mundo, muitas sem nenhuma experiência jornalística. Havia alguns veteranos da Associated Press e outras agências de notícias, mas como eu, poucos deles resistiram. Passamos os dois meses que antecederam o lançamento em treinamento intensivo, parte dele focada na simulação de reuniões de pauta.

Em nosso primeiro dia, sentado à cabeceira da mesa de conferência, estava nosso vice-chefe, um jornalista russo que zombava silenciosamente do marxismo e da mais-valia com um par de óculos RayBan e uma camisa polo Ralph Lauren. Uma de suas filhas estava presente como jornalista contratada, ela também usando o próprio corpo como *outdoor* gratuito para marcas que usam trabalho semiescravo. A esposa do vice-chefe, uma mulher extraordinariamente gentil, trabalhava no departamento administrativo. O chefe-sênior também tinha sua esposa, norte-americana, ocupando um dos cargos mais altos da Ruptly. Todo aquele nepotismo, infelizmente, não deu à empresa aquele ar aconchegante e familiar de uma *trattoria* italiana – ao contrário, fez com que todos suspeitassem que estavam sendo constantemente vigiados.

Não conte; mostre

A principal regra do jornalismo da Ruptly era clara: deveríamos falar sobre coisas que poderiam ser mostradas, não contadas. Nosso principal produto eram vídeos de quarenta segundos sem nenhuma narração e, de preferência, sem gente falando para a câmera. Se uma fala fosse necessária, ela deveria durar no máximo oito segundos. Eu e outros jornalistas veteranos demoramos bastante pra entender esse conceito.

Eu pessoalmente atrasei o trabalho de todo mundo ao sugerir reportagens impraticáveis, como vídeos sobre gastos com armamentos, devidamente vetados pelos chefes com perguntas do tipo: "Dá pra mostrar imagem de gastos, DÁ?". Minhas sugestões foram constantemente descartadas por não terem apelo visual: precipício fiscal, desemprego, distribuição de renda – tudo isso estava descartado. Sugeri então que usássemos gráficos ("Gráfico é visual", falei com uma cara cheia de esperança), mas os chefes disseram que isso desvirtuava o conceito da Ruptly e, portanto, não servia.

Cada jornalista deveria produzir quatro vídeos por dia, e equipamento para isso não faltava. Nossa redação tinha as máquinas e os softwares mais modernos, tudo num escritório sofisticado no centro de Berlim. Nossa prioridade era "ser o primeiro," como nos explicou uma das poucas veteranas que continuaram no emprego, uma jornalista que trabalhou com a TV iraniana Press TV. Ela foi subindo no emprego com um desempenho cada vez melhor (também conhecido como cada vez pior) e continuou sendo promovida a contento. Em uma das etapas de sua escalada ao topo, ela usou um clichê diferente para evitar repetir seu mantra de "ser o primeiro," e eu tive que perguntar:

– Você vive dizendo "o primeiro, o primeiro". Você certamente quer dizer que devemos ser os primeiros somente depois de verificar nossas notícias, né?

– Mesmo sem verificar – disse ela. – Se tivermos que escolher entre ser o primeiro ou ser exato, escolhemos ser o primeiro.

Os rostos dos aspirantes a jornalistas ficaram sombrios de repente.

– Ser o primeiro em breve não vai significar nada se formos os primeiros a estar errados – afirmei.

Os rostos agora ficaram tão desanimados que tentei uma piada:

– Talvez a gente pudesse mudar o nome da agência pra Abruptly [abruptamente].

Ninguém riu.

Para o caso de ainda restar alguma dúvida, o chefe-sênior logo sintetizou o trabalho da agência:

– Somos um esporte de contato, pura competição.

Ainda no modo *coach*, ele explicou o que significava ser um "bom jornalista":

– Quem viu ontem a foto daquele soldado francês no Mali usando uma máscara de caveira?

Muitas mãos se levantaram.

O chefe-sênior, então, elogiou a foto como o maior golpe visual da semana, e todos nós concordamos que, de fato, aquela máscara foi uma grande sorte. Mas ele nos interrompeu imediatamente:

– Não, não foi sorte. É isso que vocês têm que aprender – ele começou, solenemente, enquanto nós nos preparávamos para a lição. – Se esse fotojornalista for bom mesmo, foi ele que pediu que o soldado vestisse a máscara.

A maioria dos veteranos se entreolhou, torcendo para ter ouvido mal.

– Mas se esse jornalista for excelente – ele continuou, desfechando aqui o golpe de misericórdia –, foi ele mesmo que levou a máscara.

Em outra reunião de pauta, alguém sugeriu uma história sobre a assinatura de um acordo de paz em um país africano.

– O povo está dançando na rua? – perguntou o chefe.

– Sim, ele comemora dançando na rua – respondeu o cara.

– Mas todos estão dançando no estilo *Gangnam*? Porque devemos ter algo com que as pessoas possam se relacionar. Se não é *Gangnam style*, não estamos interessados.

Eu entendo que o jornalismo tenha mudado. Os meios de comunicação não têm mais o poder unidirecional para ditar o que consumimos – o conteúdo hoje em dia é decidido quase interativamente. E cada vez mais, é quantidade, não qualidade, o que comanda as notícias. É a maior multidão – ou o grupo mais mediano/medíocre – que vai ajudar a decidir o conteúdo de acordo com seu gosto. Na Ruptly, o conteúdo já foi decidido preventivamente pelos piores de nós, quase sempre esperando o pior nos outros. Foi o nível mais baixo que eu já presenciei em jornalismo, embora admita que o único outro grande veículo internacional em que trabalhei foi a *Radio France Internationale* – um canal de notícias bastante respeitado onde nunca tive uma palavra alterada, editada ou vetada, mesmo na minha cobertura mais crítica dos crimes de Israel no Líbano.

UFOs e Angela Merkel

Um dia, o chefe-sênior explicou com voz de locutor de trailer do *Arquivo X* que ele queria "vídeos do incomum, do estranho". Daí ele deu um exemplo do que estava querendo dizer: um vídeo viral de uma mulher que comia pedras. Eu caí na

gargalhada, pensando que ele estava brincando, e então olhei em volta, e pela seriedade geral na sala, percebi que ele falava sério.

– Esse vídeo é sucesso garantido – ele disse, olhando para mim –, e se você não sabe disso, você não está entendendo nada.

O chefe-sênior continuou descrevendo o vídeo, enquanto eu continuava não entendendo. E então ele disse que o vídeo viral poderia ser “ainda melhor”.

Meu interesse foi aguçado.

– Podemos realmente vê-la comendo as pedras – ele continuou –, mas o vídeo ainda não é perfeito.

Agora eu estava realmente intrigada. Eu queria muito entender que mudança poderia melhorar aquele vídeo. O chefe-sênior tentou, mas ninguém conseguiu adivinhar onde exatamente estaria a perfeição. Eu arrisquei um palpite:

– Você está, por acaso, esperando ver todo o processo digestivo e pegar a imagem das pedras na saída?

Dessa vez todos riram – bem quando eu estava falando sério.

Com o tempo, fomos todos muito bem informados do tipo de notícias que deveríamos cobrir. Entre os assuntos favoritos – alguns com som e entrevista – estavam vídeos com “testemunhas oculares” de OVNIs e com pessoas que tinham críticas a Angela Merkel. Mesmo durante nosso treinamento, tínhamos que voltar à redação com críticas suficientemente negativas à chanceler alemã. O assunto da matéria era irrelevante – todos nós fomos orientados a guiar o entrevistado e obter a resposta que desejávamos. Como o chefe-sênior explicou uma vez: você só conduz uma entrevista quando tem certeza das respostas que vai conseguir.

Além de críticas a Merkel, a única outra fala que a Ruptly queria ouvir nos vídeos era a de pessoas que alegavam ter encontrado alienígenas. Essa era uma obsessão tão grande que comecei a chamar os funcionários da Ruptly de *ruptilians*. Esses dois assuntos – OVNIs e Angela Merkel – foram martelados em nossas cabeças com tanta frequência e falta de pudor que, quando a filha do vice-chefe contou que era aniversário do seu pai, eu brinquei que deveríamos dar a ele de presente um vídeo de quarenta segundos com um alienígena descendo de um OVNI e fazendo um discurso contra a primeira-ministra alemã.

Nós nunca conseguimos o tal alienígena, mas gravamos vários vídeos no site da Ruptly antes do lançamento oficial, incluindo: uma yoga nua em Berlim; um motorista que estaciona o carro em tempo recorde no menor espaço possível; elefantes

comendo árvores de natal; um sanduíche do Subway que tinha centímetros a menos do que o tamanho prometido (ideia minha, admito). E eu seguia odiando cada segundo de tudo aquilo. Para alguém que amava assistir à RT, eu me sentia traída com os centímetros a menos da Ruptly. E a cada novo sinal de indignação ou desacordo de minha parte, o chefe-sênior dizia: "É só você ler *Scoop*", o romance de Evelyn Waugh sobre jornalismo. Eu queria dizer a ele que *Scoop* era uma sátira, mas não acho que isso fosse fazer diferença – algumas pessoas veem insulto como elogio, guerra como paz, escravidão como liberdade, ignorância como força.

E para completar a metáfora orwelliana, eu ao final, cometi crime de pensamento.

Regras não ditas: a palavra que começa com 'S'

Em uma de nossas reuniões, fui conduzida à cabeceira da mesa – como jornalista que cobriu guerra e trabalhou em vários países – para dar algumas dicas aos meus colegas que iam começar a viajar. O chefe-sênior abriu meu discurso improvisado dizendo que a melhor coisa para um correspondente internacional era, "sem dúvida nenhuma, acompanhar outros jornalistas". Eu imediatamente discordei. Sou alguém que raramente frequenta clubes ou jantares de jornalistas estrangeiros, e acho que amizades baseadas na profissão são um *granfaloon* cansativo. Até por puro instinto jornalístico, é difícil reportar notícias verdadeiras e originais se você estiver acompanhando eventos programados e cobrindo o que os outros estão cobrindo.

– As notícias geralmente se escondem onde ninguém está olhando – eu disse, esperando que um clichê funcionasse com a eficiência de um vídeo de quarenta segundos.

Mas o chefe-sênior não gostou das minhas reflexões jornalísticas e mudou o tópico para conselhos práticos, perguntando-me sobre a logística para obter permissões de imprensa. E lá fui eu decepcionar de novo:

– Acho que eu nunca pedi permissão para filmar ou reportar de algum país, nem em Israel, nem nos EUA, nem no Líbano, apesar de ter trabalhado lá por anos. Eu, aliás, desencorajo fortemente qualquer jornalista a pedir permissão para um governo antidemocrático, especialmente ditaduras, como Síria ou Egito.

Nessa hora, o vice-chefe ficou vermelho. Eu senti que algo estava mais errado que o normal, mas não conseguia entender o quê. Em dois minutos,

contudo, eu saberia o que aconteceu, porque o vice-chefe interrompeu a reunião e me chamou para o escritório dele, onde eu recebi minha primeira "reprimenda oficial".

Nos cinco a dez minutos que se seguiram, fui submetida a um gulag em que eu teria que me arrepender de ter chamado a Síria de ditadura (meu insulto ao Egito foi totalmente ignorado). Eu até então nunca tinha testemunhado tamanha raiva em um chefe, mas continuei tentando argumentar. Fiquei até surpresa ao ver que ele tinha alguns bons argumentos sobre "o outro", sobre rótulos, padrões e percepções, coisas que pareciam incrivelmente lúcidas, se sua lucidez não fosse tão parcial. Tentei mostrar que a sua sabedoria política usava dois pesos e duas medidas, enquanto ele continuava gritando, implacável, fazendo reverberar pelas paredes um som que claramente tinha o duplo objetivo de me intimidar e dissuadir futuros dissidentes.

Ele ficava repetindo que eu "quebrei as regras". Então, falei:

– Eu preciso que você seja mais específico para evitar outras ocorrências do mesmo erro.

Ele me pediu que prometesse não repetir o erro, sem especificá-lo, e eu finalmente disse:

– Prometo fazer o possível para não repetir que a Síria é uma ditadura – uma repetição que enfureceu o vice-chefe.

– Eu quero que você prometa não dizer isso de novo! – ele gritou, evitando a palavra Síria.

– Não posso prometer o que vai sair da minha boca, mas posso prometer o que eu não quero que saia. Acho que não corro o risco de querer que essa frase saia de novo – eu falei.

Minha primeira reprimenda acabou sendo muito bem-vinda, porque ela finalmente levou meus chefes a aceitar meu "pedido de rebaixamento". Eu havia inicialmente me candidatado a um cargo de repórter, mas descobri alguns dias já no trabalho que fui contratada para uma posição administrativa com o que era trombeteado como "o segundo maior salário da redação".

Continuei recusando e dizendo que ficaria feliz ganhando menos, que eu não sirvo para cargo administrativo, que não consigo preencher formulários, não sei usar Excel e não confio em mim com um peso de papel. No dia de minha visita ao gulag, eles finalmente perceberam que eu não tinha a lealdade ideológica

necessária para um cargo na administração, mas mesmo como repórter, eu já sabia que não ia durar muito.

Um dia fomos todos avisados de que teríamos que manter nossos telefones ligados a noite toda, depois do horário de expediente. Sem nenhuma propensão à semiescravidão, recusei na hora. Isso foi interpretado – alto e claro – como uma prova de que eu não estaria sendo "uma jornalista de verdade".

Em outro momento, quando meu chefe explicava que quase ninguém "assiste a vídeos com mais de vinte segundos", eu disse que, para mim, era exatamente o oposto: qualquer coisa com menos de dois minutos carece de contexto. Em uma outra situação, nosso chefe disse que, se estivéssemos gravando uma história sobre um tanque de guerra, por exemplo, e não tivéssemos uma imagem para isso, deveríamos mostrar qualquer tanque. Fiquei chocada. Eu avisei que não faria isso, e ia jogando a palavra "verdade" na cara dele, enquanto ele jogava de volta a frase "percepções da verdade".

Incapazes de me fazer ter orgulho de meu trabalho ou gostar de fazê-lo, meus chefes usaram várias técnicas para me convencer a cumprir suas ordens, inclusive tentando me fazer "sentir especial" com frases do tipo "você foi a única contratada para quem pagamos uma viagem de avião transoceânica", ou "temos muita fé em você", uma expressão que me dava mais gastura do que o normal. Nada funcionou, e eu logo consegui o feito inédito de me tornar o oposto do "funcionário do mês," só que diariamente.

E eu tive outras reprimendas, uma por chegar atrasada e uma por – prepare-se – não criticar um colega. Essa foi, sem dúvida, uma das experiências mais surreais e perturbadoras que já tive, uma tortura psicológica de 12 minutos que tentou astuciosamente contorcer muitos dos meus valores morais em uma doutrina fétida enquanto transformava a lealdade ao chefe em uma das virtudes mais elevadas. Também fui vilipendiada por ter tentado resolver meu problema com uma colega lidando diretamente com ela, e não por meio da intervenção de um superior – eu deveria tê-la denunciado. Enquanto eu ouvia os gritos do vice-chefe, me vinham lampejos do *Encouraçado Potemkin* e da inteligência cruel que fazia as pessoas trabalharem coletivamente enquanto se sentiam tristemente solitárias, desconfiando de todos ao seu redor.

Mas a esperança da Ruptly era maior que a minha, e eles acabaram me enviando para cobrir manifestações na Espanha, onde acabei fazendo minha primeira aparição

na RT.[6] Como essa foi a primeira reportagem completa da Ruptly a aparecer na RT antes mesmo da inauguração da agência, fui recebida de volta a Berlim como jogador que marcou um gol para o time. Mas aquela tinha sido uma viagem fácil, uma coincidência em que a Rússia e eu provavelmente víamos as coisas do mesmo ângulo.

Eu tinha sido enviada para cobrir assuntos que considerava importantes, muitos deles invisíveis à cobertura internacional, tópicos como os yayoflautas, um grupo de homens e mulheres idosos que saíam às ruas para protestar contra o poder ilimitado do dinheiro e das corporações em Madri. Eu consegui até fazer minha própria pauta, e contei a história de uma pequena cidade onde dezenas de pessoas decidiram ocupar e morar dentro de um banco, que desapropriou a casa de um homem de família, mesmo ele não devendo mais nada ao banco. Depois da Espanha, fui enviada a Sophia para cobrir manifestações sobre energia nuclear na Bulgária. Voltei com várias entrevistas, a maioria contra o governo russo. Esse foi meu último vídeo feito para a Ruptly, e ele nunca foi ao ar.

E agora que eu disse tudo isso, também devo dizer que acho que a RT é necessária. Não acredito que uma pessoa ou organização possa ser totalmente ruim ou totalmente boa. A CNN tem Ben Wedeman. A BBC tinha Jeremy Paxman. E aposto que esses homens também não são perfeitos. Eu não acho que alguém consiga ser perfeito. E acho que não podemos concordar plenamente com ninguém, nem mesmo com fatos. Mostre-me um homem que concorda 100% com outro e eu lhe mostrarei um idiota. Mas nas notícias imediatas de 140 caracteres e vídeos de quarenta segundos, as nuances são cada vez mais indesejáveis – elas literalmente não cabem.

Em um mundo ideal, a RT não precisaria existir como contraponto à CNN, cada vez mais terrível, ou à BBC World, progressivamente pior. Se a única maneira de escaparmos do monopólio de ideias é tentando enxergar o outro lado da mesma moeda, quero, sim, que o outro lado tenha sua voz. Mas é aqui que enfrentamos um problema que talvez seja ainda maior do que ter uma moeda com apenas um lado: o fato de termos escolhido essa maldita moeda, essa falácia achatada e bilateral como representante do mundo que desejamos, quando os problemas e soluções não têm apenas dois lados e não precisam ser tão igualmente horrendos. Essa dissidência fabricada entre EUA e Rússia é extremamente

6 https://twitter.com/schmittpaula/status/1462809572943478786

prejudicial, pois ajuda a consolidar a crença de que a Rússia e os EUA são antitéticos, quando, na verdade, são muito mais parecidos entre si do que a Suécia é com os EUA, ou a Finlândia com a Inglaterra.

Um dos principais objetivos do jornalismo deve ser informar alguém do que ele não sabe. Se você continuar repetindo o que ela já sabe, essa pessoa não será mais informada, mas formada, modelada, esculpida como uma rocha atingida repetidamente pela mesma onda. É por isso que a *Fox News* consegue ser tão prejudicial. É por isso que qualquer viés permanente é tão prejudicial, incluindo o viés da RT. Os jornalistas e analistas que involuntariamente nomeiam a Rússia ou os EUA como bastiões de qualquer coisa nobre ou exemplar, além do que realmente são – oligarquias com a capacidade bélica de destruir o mundo –, estão jogando o jogo insidioso desses dois líderes ao fazer o mundo acreditar que você só tem Rússia ou EUA, e nenhum outro sistema intermediário.

Mesmo se ainda existissem países comunistas, eles não deveriam ser considerados como "o oposto" do capitalismo norte-americano. Uma tirania do capitalismo de compadrio não é o oposto de uma tirania do Estado – ambas são tiranias. Por que ninguém fala sobre a Suécia quando se discute capitalismo? Por que tão poucas pessoas discutem a regra extremamente iluminada e simples, aplicada na Finlândia, que determina que uma multa de trânsito seja estabelecida de acordo com o salário do infrator? Essa lei deu a um diretor da Nokia uma multa de US$ 103.600. Pense na inteligência dessa ideia, nesse método brilhante pelo qual as pessoas são, de fato, punidas igualmente ao terem que pagar quantias *diferentes*.

Não que os EUA deem qualquer importância para a minha opinião, mas informo aos EUA que sou daquelas pessoas fascinadas pela Declaração da Independência, assim como pela Declaração de Direitos, que sacraliza a busca da felicidade como direito inalienável. Mas o governo norte-americano não defende mais isso. Em muitas cidades, os EUA se tornaram uma distopia sombria, um verdadeiro pesadelo de injustiça social que protege a busca da riqueza acima de qualquer valor. Mas a Rússia tampouco luta pela igualdade e pela distribuição de renda. Lá a lei só vale para alguns, e o mercado é livre só para associados.

Um dos vídeos que vetamos na Ruptly vinha da Rússia e era emblemático: dezenas de clipes filmados a partir do para-brisa dos carros, mostrando homens que se jogam em frente ao veículo para serem atropelados e indenizados. A China, por sua vez, consegue ser um pesadelo onde o comunismo é capitalista, e

Cuba é aquele animal nietzschiano que se considera bonzinho simplesmente porque não tem garras. Passou da hora de começar a procurar paradigmas diferentes para as nossas discussões, outras moedas com outros lados, novos objetivos políticos aos quais deveríamos realmente aspirar.

LEIA TAMBÉM